



ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE: A PERCEPÇÃO DO OUTRO EM SUA TRAJETÓRIA

Beatriz Luise Souza Silva Ferreira¹
Karina Luiza Lana de Jesus²
Regiana Nunes Pereira³
Neide das Graças de Souza Bortolini⁴
Dalila David Xavier⁵

INTRODUÇÃO

Este artigo documenta e reflete as experiências enriquecedoras vivenciadas durante o período de estágio na Escola Municipal Aleijadinho em Santo Antônio do Salto, distrito de Ouro Preto, por meio do programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal de Ouro Preto. Desenvolvemos através dos encontros semanais o reconhecimento identitário com suas relações e afetações, a partir da perspectiva cultural, do território em que vivem – a zona rural de Ouro Preto – e suas relações entre centro histórico e periferia, pensado de forma crítica para que discentes discutam sobre as suas bem como a importância de nossos ancestrais. Tudo foi trabalhado a partir da árvore genealógica, para que eles reflitam sobre quem são hoje e qual a marca de suas identidades, em especial as matrizes afro-indígenas brasileiras.

As nossas ações proporcionaram aos alunos uma oportunidade única de explorar e expressar sua identidade de forma individual ou coletiva. Durante esse período, estudantes se envolveram em atividades que incentivaram a refletir sobre suas próprias características, emoções, herança cultural e conexões com a sociedade ao seu redor, fazendo com olhem para si mesmos e resgatem as suas identidades, tendo assim a percepção de se reconhecerem em seus locais de direito, terem a visão que carregam em suas linguagens, culturas, hábitos as suas marcas, ao se reconhecerem como descendentes afro-indígenas brasileiros.

¹ Graduanda do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, regiana.pereira@aluno.ufop.edu.br;

² Graduanda do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, karina.jesus@aluno.ufop.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, beatriz.luise@aluno.ufop.edu.br;

⁴ Professora orientadora: doutora, Faculdade de Artes Cênicas - UFOP, neide.bortolini@ufop.edu.br;

⁵ Professora orientadora: mestranda, Faculdade de Artes Cênicas - UFOP, dalila.xavier@aluno.ufop.edu.br.



Uma característica notória da escola é a sua composição majoritariamente negra, contudo, percebemos que muitos discentes não têm essa autopercepção, ou, em alguns casos, até rejeitam essa identificação, ao construir ilustrações em algumas atividades em que com outro tom de pele e traços estéticos distorcidos da própria realidade, sempre reafirmando o tão conhecido "fascínio pela brancura". Isso é um efeito da educação colonialista e do racismo estrutural da nossa sociedade.

Ademais, destacamos que a cultura no distrito se faz bastante presente e predominante, evidenciando-se de maneira marcante tanto na riqueza culinária quanto na manifestação do congado de N. Sra. do Rosário e São Benedito. Entretanto, chamou-nos a atenção o fato de que as crianças e adolescentes não demonstram um envolvimento tão acentuado com tais elementos culturais regionais. Diante dessa constatação, identificamos uma lacuna e uma necessidade clara de abordar questões relacionadas à identidade e à cultura com discentes e na comunidade escolar, fazendo com que tenham uma verdadeira identificação com sua cultura e não apenas uma menção distante onde atribuem esses elementos culturais somente aos moradores mais antigos do distrito.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Nós residentes, mobilizamos uma abordagem interativa e participativa juntamente com o auxílio da preceptora Dalila Xavier e da orientadora Neide das Graças. Essa abordagem culminou em uma enriquecedora excursão à Casa de Cultura Negra e à Igreja de Santa Efigênia, localizadas no bairro Alto da Cruz, em Ouro Preto.

Nosso ponto de partida foi a Igreja de Santa Efigênia, onde o diretor da Casa de Cultura, Kedison Guimarães, desempenhou o papel central de palestrante. Durante essa apresentação, Kedison adentrou na história da igreja, explorando sua arquitetura repleta de ancestralidade e elementos intrinsecamente africanos presentes nela. Entre esses elementos destacam-se o simbolismo do milho e da pipoca, que ganham relevância na narrativa cultural que é considerada uma oferenda para OBALUAÊ, divindade das religiões afro-brasileiras, entre outros símbolos afro-brasileiros presentes. Além disso, o educador trouxe à tona a trajetória dos negros escravizados em Ouro Preto, ressaltando a urgência de preservar e transmitir sua rica herança cultural às futuras gerações.

Logo em seguida tivemos um encontro com o cacique do povo indígena ressurgente Borum Kren, dessa região de Ouro Preto, Danilo Campos que lançou um olhar profundamente investigativo sobre a resistência de povos originários. Em sua comunicação, Danilo mergulhou

na temática da ancestralidade, enfatizando a natureza resiliente e guerreira do seu povo frente aos desafios impostos pelos colonizadores. A palestra abordou os enfrentamentos entre os povos indígenas e genocidas, evidenciando a crueldade de sucessivos governantes e a bravura de nossos antepassados. Um aspecto particularmente comovente foi a exploração da história do bairro Cabeças, localizada na entrada de Ouro Preto. Nesse contexto, Danilo compartilhou relatos sobre a colocação de cabeças decepadas de indígenas, uma prática de extrema crueldade relacionada às lutas e conflitos da época.

Após isso, Danilo Campos compartilhou experiências práticas e interativas com discentes, professoras e residentes. Ele apresentou suas flechas e explicou como cada povo indígena desenvolveu seu próprio estilo único de confecção e uso dessas ferramentas, o que permitiu que discentes compreendam a riqueza da diversidade cultural indígena e como suas práticas tradicionais surgem de contextos históricos em transformação.

Com base nas experiências vivenciadas na Casa de Cultura Negra e na Igreja Santa Efigênia, criamos um relatório que consistia em um conjunto de doze perguntas, entre as quais discentes tiveram a oportunidade de escolher e responder seis, todas voltadas para as atividades que realizaram durante a excursão. Isso resultou na interativa e construtiva de conhecimentos que demonstram uma nova visada histórica de nossas verdadeiras heranças socioculturais afro-ameríndias brasileiras.

REFERENCIAL TEÓRICO

No processo de elaboração das atividades, observamos como as diversas "peles" que compõem as corporeidades das crianças desempenharam um papel fundamental na construção das respostas e reflexões. Isso foi inspirado pelo conceito das cinco peles, conforme apresentado pelo professor Éden Peretta e, ainda, conforme a teoria das cinco peles de Friedensreich Hundertwasser que afirma:

Ao explorar as várias camadas de nossa identidade, buscamos elementos que refletissem as poéticas pessoais. Esses elementos de nossa cultura deixaram cicatrizes, além de demonstrarem que as relações interpessoais são marcadas, também, por conexões com animais. Todas essas experiências e leituras funcionam como lentes através das quais adolescentes ampliaram as suas cosmovisões anticoloniais.

Ao analisar as respostas do relatório que criamos, notamos como as "peles" se entrelaçam nessas narrativas. Alguns adolescentes exploraram a arquitetura da igreja como uma camada externa, enquanto outras enfocaram a importância de respeitar as culturas africanas e

indígenas como uma conexão profunda com suas identidades. A relação entre objetos pessoais e o contexto da excursão também emergiu como um fio condutor das reflexões dos estudantes, revelando a complexidade e diversidade cultural.

Nos fundamentamos também nas investigações de Célia Collet, Mariana Paladino e Kelly Russo (2014), no livro *Quebrando Preconceitos: Subsídios para o Ensino das Culturas e Histórias dos Povos Indígenas*. A obra foi inteiramente viabilizada pelo projeto *A Educação Superior de Indígenas no Brasil*, conduzido pelo Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (Laced). O projeto, coordenado por Antônio Carlos de Souza Lima, visa abordar a formação do estado no contexto contemporâneo do Brasil, por meio do estudo e intervenção na educação superior dos indígenas.

A conexão entre essas informações e a pesquisa realizada envolve a promoção do debate sobre as culturas e histórias dos povos indígenas, bem como a busca por uma educação que valorize a diversidade cultural e a ancestralidade. O propósito é alinhar essa abordagem com os esforços educacionais evidenciados no resumo, que buscou incitar o pensamento crítico e o respeito à diversidade cultural entre discentes, por meio das citadas atividades na Casa de Cultura Negra e na Igreja de Santa Efigênia em Ouro Preto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O propósito das perguntas que elaboramos para os relatórios foram promover uma discussão enriquecedora e incitar o desenvolvimento do pensamento crítico nas crianças, trazendo uma identificação entre eles e sua história que segue entre apagamentos e releituras, ao se reforçar, de maneira significativa, o conceito de ancestralidade e o respeito à diversidade cultural.

As respostas que recebemos refletiram diversas percepções, sendo que alguns/algumas discentes destacaram elementos minuciosos da arquitetura da igreja. Além disso, notamos uma apreciação pela relevância do cultivo e respeito pelas heranças culturais africanas e indígenas.

Contudo, não podemos deixar de mencionar que também existiram respostas que carecem de profundidade e análise de contextos. Isso nos levou a perceber que o caminho em direção à realização dos nossos objetivos é uma jornada contínua e gradual. Cada resposta, seja ela profunda ou superficial, auxilia a entender a complexidade do processo necessário para atingir nossa missão educacional de maneira profunda e eficaz, continuando assim o processo de identificação e aprendizagem desses alunos em perspectivas libertárias e de coloniais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto do programa Residência Pedagógica, nós, como bolsistas, concluímos que é fundamental fortalecer e promover metodologias que aprofundem a compreensão das raízes culturais afro-indígenas brasileiras. Além disso, é crucial reconhecer que a autoestima dos estudantes está interligada às cosmovisões ancestrais com base nos estudos das artes e humanidades contemporâneas.

Nossa compreensão indica que devemos concentrar nossos esforços em destacar e referenciar essas culturas de povos resistentes e resilientes historicamente privados de respeito e reconhecimento, e que é muito importante proporcionar às comunidades escolares uma perspectiva mais ampla, positiva e realista para verdadeiras transformações da consciência crítica e política que trazem relações menos desiguais.

Para alcançar esse objetivo, trabalhamos para enriquecer o processo educativo e a reparação histórica, levamos discentes a esses espaços culturais em Ouro Preto. Essas experiências ofereceram uma visão das disparidades existentes no reconhecimento das desigualdades históricas incentivando novas visadas antirracistas.

Dessa forma, reforçamos a ideia de que as histórias pessoais são essenciais para o crescimento das nossas raízes e heranças culturais ancestrais, assegurando o sentimento de pertencimento, ao incentivar discentes a abraçarem plenamente seus legados e contribuírem de maneira significativa para o mundo ao seu redor.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Casa de Cultura; Indígenas; Identidade Negra.

REFERÊNCIAS

COLLET, Célia; PALADINO, Mariana; RUSSO, Kelly. Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas. **Contra Capa Editora**, LACED, 2014. Disponível em: http://laced3.hospedagemdesites.ws/laced/arquivos/Quebrando_preconceitos.pdf. Acesso em: 29 ago. 2023.

PERETI, E. S. **Alteridades da Pele, fronteiras do corpo**. Florianópolis: UFSC, 2005. Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física), Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

